ISSN: 2358-8829

ALFABETIZAÇÃO DE CRIANÇAS NA PERSPECTIVA DA EDUCAÇÃO INCLUSIVA NO CONTEXTO DO PIBID PEDAGOGIA/UEMA

Barbara Virginia Guimarães Lins Dessabado 1[1]
Nadja Fonseca da Silva2[2]

INTRODUÇÃO

Entre os principais desafios das escolas brasileiras está a garantia de uma alfabetização que contemple todas as crianças, especialmente em salas de aula onde convivem crianças com e sem comportamentos atípicos. Para que a alfabetização se efetive, os professores precisam desenvolver estratégias pedagógicas específicas, de acordo com o ritmo de aprendizagem e as necessidades educacionais de cada criança, para que todas tenham a oportunidade de uma aprendizagem significativa.

O ensino colaborativo surge como estratégia relevante, pois favorece a troca de saberes entre os docentes e a construção de intervenções pedagógicas voltadas às dificuldades de aprendizagem de cada estudante. Além disso, a participação das bolsistas vinculadas ao Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) pode contribuir para que os professores reflitam criticamente sobre suas práticas pedagógicas e como essas ações podem transformar a trajetória escolar dos estudantes.

Soares (1998) elucida que “o processo de aprender a ler e escrever ocorre em contextos sociais”, enfatizando a ideia de que a alfabetização não é um processo isolado, mas sim, fruto da interação contínua entre os indivíduos e os seus ambientes.

A alfabetização não se resume a habilidades técnicas, mas se constitui em uma sólida formação e um ato político e social relacionado à compreensão do mundo e à participação consciente na sociedade, para uma educação transformadora e emancipatória.

Nesse contexto, a questão problema é: Como o ensino colaborativo pode contribuir para o processo de alfabetização e inclusão escolar no contexto do PIBID

[1] Graduanda em Pedagogia pela Universidade Estadual do Maranhão (UEMA). E-mail: linsbarbara98@gmail.com.
[2] Professora orientadora do trabalho, vinculada à Universidade Estadual do Maranhão (UEMA). E-mail: nadjafonseca2@gmail.com.

ISSN: 2358-8829

-Pedagogia? Para responder a essa questão, elaboramos os seguintes objetivos: Geral - Analisar o ensino colaborativo no processo de alfabetização e inclusão escolar no contexto do PIBID, do

curso de Pedagogia - UEMA. E os seguintes objetivos específicos: Caracterizar o ensino colaborativo no processo de alfabetização e inclusão escolar; Identificar as contribuições do PIBID para práticas construção de práticas pedagógicas inclusivas; Compreender os desafios enfrentados pelos professores na alfabetização de crianças com diferentes ritmos e necessidades de aprendizagem.

Ensino colaborativo no processo de alfabetização e inclusão escolar

No campo educacional, o ensino colaborativo ganhou maior visibilidade entre as décadas de 1980 e 1990, especialmente como resposta às críticas dirigidas aos modelos escolares segregadoras e excludentes. A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional Nº 9.394/1996, estabelece, em seu artigo 3º, inciso III, o princípio do pluralismo de ideias e de concepções pedagógicas, reconhecendo a importância de diferentes práticas educativas no processo de ensino e aprendizagem. Tal princípio dialoga com o ensino colaborativo ao valorizar a construção coletiva de estratégias pedagógicas voltadas à diversidade presente em sala de aula.

O coensino surge como proposta em que o professor regente e socializa com o outro professor atuando conjuntamente no mesmo ambiente escolar, buscando garantir apoio pedagógico e participação efetiva dos estudantes. Portanto,

> o ensino colaborativo constitui-se mais como uma filosofia de trabalho entre profissionais da educação com conhecimentos e experiências diferenciadas do que apenas uma técnica metodológica. Trata-se de uma postura crítica que compreende o colega de trabalho como parceiro, com quem se constrói uma experiência conjunta de trabalho pedagógico no contexto escolar e na sala de aula. (Rabelo, 2012, p. 53)

Nesse contexto, o ensino colaborativo apresenta-se como estratégia relevante para fortalecer práticas inclusivas e apoiar o trabalho pedagógico, por meio do diálogo entre os professores e acompanhamento mais próximo do processo de desenvolvimento

[1] Graduanda em Pedagogia pela Universidade Estadual do Maranhão (UEMA). E-mail: linsbarbara98@gmail.com.
[2] Professora orientadora do trabalho, vinculada à Universidade Estadual do Maranhão (UEMA). E-mail: nadjafonseca2@gmail.com.

ISSN: 2358-8829

de cada aluno.

É válido ressaltar que "a alfabetização é uma das práticas de letramento que faz parte do conjunto de práticas sociais de uso da escrita da instituição escolar" (Kleiman, 2005, p.12). A autora enfatiza que "o letramento está relacionado com os usos da escrita em sociedade e com o impacto da língua escrita na vida moderna" (Kleiman, 2005,p.19)

De acordo com Mittler (2003) a inclusão escolar envolve uma série de estruturas e pedagogias para proporcionar a todos os alunos acesso ao currículo da educação geral e os resultados de aprendizagem obtidos a partir dele. Boas intenções não são suficientes para construir uma base para a inclusão; no entanto, a reorganização das práticas e a criação de condições reais para que a inclusão ocorra são essenciais.

Mantoan (2003), afirma que não é o aluno que tem de se adaptar à escola; pelo contrário, é a escola que deve se reorganizar para acolher os diversos tipos de alunos. Este ponto de vista fornece mais evidências da necessidade de uma reformulação do papel da instituição educativa e da inclusão de considerações sobre o papel da diversidade no processo educativo.

O Desenho Universal para a Aprendizagem (DUA) constitui uma abordagem que orienta a organização de práticas pedagógicas acessíveis, considerando múltiplas formas de representação dos conteúdos, de engajamento dos estudantes e de ação e expressão da aprendizagem. No processo de alfabetização, essa perspectiva favorece a diversificação das estratégias de ensino por meio de recursos visuais, jogos, materiais concretos e atividades orais e escritas, respeitando os diferentes ritmos e modos de aprender. Além disso, aproxima-se dos princípios do ensino colaborativo ao favorecer o planejamento de práticas flexíveis e acessíveis, ampliando as oportunidades de participação e aprendizagem de todas as crianças (CAST, 2024).

Segundo Mendes (2007), ao auxiliar o professor a compreender melhor as dificuldades de ensino, o trabalho colaborativo não apenas introduz inovações, mas também contribui para a (re)construção dos saberes escolares, além de sensibilizar o docente para a importância da formação continuada.

METODOLOGIA

[1] Graduanda em Pedagogia pela Universidade Estadual do Maranhão (UEMA). E-mail: linsbarbara98@gmail.com.
[2] Professora orientadora do trabalho, vinculada à Universidade Estadual do Maranhão (UEMA). E-mail: nadjafonseca2@gmail.com.

ISSN: 2358-8829

A metodologia adotada para este artigo consiste em uma revisão bibliográfica abrangente de fontes acadêmicas, incluindo artigos científicos, livros e publicações relacionadas à alfabetização, ao ensino colaborativo e à educação inclusiva. A pesquisa fundamenta-se em uma abordagem qualitativa, que de acordo com Denzin e Lincoln (2006), busca compreender os fenômenos em seus contextos naturais, interpretando os significados atribuídos pelas pessoas às suas experiências.

No que se refere aos instrumentos de coleta de dados, foi utilizado um questionário estruturado, com questões abertas e fechadas, aplicado aos participantes da pesquisa com perguntas organizadas com o objetivo de levantar dados, sendo respondido pelos informantes sem assistência direta do pesquisador. Fachin (2005).

Para análise e interpretação dos dados foram construídas realizadas categorias a partir da análise de conteúdo, com o rigor da objetividade e a fecundidade da subjetividade, permitindo ao pesquisador explorar aspectos latentes, não aparentes e potenciais de sentido presentes nas mensagens. Bardin (2016). Buscou-se compreender os significados atribuídos pelas professoras às suas práticas e aos desafios no processo de alfabetização, articulando as falas das participantes com o referencial teórico adotado. Dessa forma, a análise não se limitou à descrição dos dados, mas envolveu uma leitura crítica, considerando o contexto educacional e os pressupostos da perspectiva histórico-cultural.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A vivência prática no cotidiano escolar permitiu identificar que o processo de alfabetização é atravessado por desafios estruturais e pedagógicos que demandam do docente uma sensibilidade constante. A seguir, discutem-se os principais desafios enfrentados pelos professores na alfabetização de crianças e como as intervenções das bolsistas do PIBID têm atuado como apoio pedagógico para o desenvolvimento de atividades que contribuem para uma educação mais inclusiva.

Desafios enfrentados pelos professores na alfabetização de crianças com diferentes ritmos e necessidades de aprendizagem.

Ao questionarmos as professoras sobre o impacto do PIBID e se as bolsistas

[1] Graduanda em Pedagogia pela Universidade Estadual do Maranhão (UEMA). E-mail: linsbarbara98@gmail.com.
[2] Professora orientadora do trabalho, vinculada à Universidade Estadual do Maranhão (UEMA). E-mail: nadjafonseca2@gmail.com.

ISSN: 2358-8829

auxiliam no processo de alfabetização; todas as participantes responderam positivamente, destacando a relevância do apoio didático-pedagógico e científico no processo de escrita e leitura.

Ao serem perguntadas se o trabalho em conjunto entre a docente e as bolsistas favorece o desenvolvimento das crianças em sala, as respostas também foram sim. Esse consenso explicita que a colaboração direta não apenas otimiza o tempo pedagógico, mas potencializa o progresso individual dos alunos, validando o ensino colaborativo como uma estratégia eficaz dentro da sala de aula.

Ao buscarmos aprofundar essa reflexão, questionamos como o PIBID poderia fortalecer ainda mais o ensino colaborativo. As respostas das professoras (P1,P2,P3) trouxeram sugestões práticas que refletem o cotidiano escolar:

> - intensificar as atividades direcionadas e o uso de materiais lúdicos, reforçando o papel do programa na inovação pedagógica.P1.
> - ampliar para mais de dois dias a presença das bolsistas na escola para garantir maior continuidade. P2.
> - criar e executar projetos de alfabetização para os anos específicos.P3.

A partir das vozes das participantes, identificamos que, embora o PIBID já contribua para o desenvolvimento das atividades de alfabetização, existem possibilidades de ampliar sua atuação no cotidiano escolar. As sugestões apresentadas apontam para três necessidades principais: a diversificação das estratégias pedagógicas, a maior continuidade da presença das bolsistas na escola e o desenvolvimento de projetos específicos de alfabetização. Esses aspectos evidenciam que o fortalecimento do trabalho colaborativo depende não apenas da presença das bolsistas, mas também da construção de ações planejadas, articuladas e contínuas.

Para Gatti et al. (2014), o PIBID representa uma importante iniciativa de aproximação entre as instituições de ensino superior e as escolas públicas, favorecendo a articulação entre os conhecimentos acadêmicos e as experiências concretas da docência. Nesse sentido, as respostas das professoras demonstram que essa aproximação também pode repercutir diretamente na organização do trabalho pedagógico, uma vez que as experiências compartilhadas entre docentes e bolsistas

[1] Graduanda em Pedagogia pela Universidade Estadual do Maranhão (UEMA). E-mail: linsbarbara98@gmail.com.
[2] Professora orientadora do trabalho, vinculada à Universidade Estadual do Maranhão (UEMA). E-mail: nadjafonseca2@gmail.com.

ISSN: 2358-8829

possibilitam identificar necessidades, elaborar estratégias e buscar alternativas para os desafios presentes no processo de alfabetização.

Nesse contexto, as contribuições do PIBID também podem ser compreendidas a partir do processo de socialização profissional. Segundo Freitas (2002), esse processo não ocorre de maneira linear ou passiva, mas envolve as experiências, expectativas e trajetórias dos sujeitos em interação com o grupo profissional ao qual passam a pertencer. Essa compreensão permite analisar que a inserção das bolsistas no cotidiano escolar ultrapassa a aplicação dos conhecimentos adquiridos na universidade, pois envolve a construção de aprendizagens por meio da convivência, da observação, do diálogo e da troca de experiências com as professoras da escola.

Assim, ao participarem do planejamento e do desenvolvimento das atividades de alfabetização, as licenciandas têm a oportunidade de conhecer os desafios concretos da docência, refletir sobre as práticas pedagógicas e construir estratégias de intervenção diante dos diferentes ritmos e necessidades de aprendizagem das crianças. Desse modo, o PIBID configura-se como um espaço de socialização profissional, formação da identidade docente e construção coletiva de práticas pedagógicas, no qual a relação entre universidade e escola contribui tanto para a formação inicial das bolsistas quanto para a reflexão sobre os processos de alfabetização e inclusão escolar.

Dando continuidade à investigação, buscou-se entender quais contribuições as ações do PIBID trazem para alunos com diferentes ritmos e necessidades. As respostas das professoras detalham os benefícios práticos dessa parceria:

> - A atuação das bolsistas permite oferecer mais atenção e respeito às particularidades de cada estudante, garantindo que ninguém seja deixado para trás. P1
> - a importância do acompanhamento individual para as crianças que enfrentam maiores dificuldades, destacando que os bolsistas auxiliam no mapeamento e na estruturação da rotina escolar, o que organiza melhor o fluxo de ensino. P2
> - melhora visível no desempenho geral dos alunos.P3

A vivência prática no cotidiano escolar revelou que um dos pontos de maior complexidade na alfabetização reside na heterogeneidade da turma. Observou-se que as

[1] Graduanda em Pedagogia pela Universidade Estadual do Maranhão (UEMA). E-mail: linsbarbara98@gmail.com.
[2] Professora orientadora do trabalho, vinculada à Universidade Estadual do Maranhão (UEMA). E-mail: nadjafonseca2@gmail.com.

ISSN: 2358-8829

crianças apresentam ritmos de aprendizagem muito distintos, o que torna o ensino padronizado insuficiente.

Essa realidade dialoga com as reflexões de Mantoan (2003), que defende que a inclusão escolar exige uma mudança de paradigma: a escola não deve esperar que o aluno se adapte a ela, mas sim transformar sua organização para acolher as diferenças como uma condição natural do ser humano.Segundo a autora, a inclusão não se faz apenas com a presença física do aluno, mas com a garantia de sua participação.

Contribuições do PIBID para construção de práticas pedagógicas inclusivas na alfabetização.

Diante desse cenário, as ações desenvolvidas pelas bolsistas do PIBID constituíram-se como apoio ao trabalho pedagógico das professoras, contribuindo para aproximar os fundamentos teóricos da educação inclusiva das práticas realizadas no cotidiano escolar. As intervenções pedagógicas, planejadas e desenvolvidas em colaboração com as docentes e os estudantes, buscaram superar uma perspectiva de transmissão mecânica do conhecimento, por meio de diferentes estratégias de ensino. Entre elas, destacam-se a utilização de jogos e atividades lúdicas, que tornaram o ensino da consciência fonológica mais prazeroso e significativo; a mediação pedagógica mais próxima das crianças, respeitando seus diferentes ritmos de aprendizagem e valorizando suas singularidades, mesmo diante dos desafios de uma turma numerosa; e o desenvolvimento de projetos imersivos, que estimularam o interesse pela leitura e pela escrita, ultrapassando a mera decodificação e favorecendo experiências de alfabetização mais inclusivas e significativas.

Nessa perspectiva, as práticas desenvolvidas também podem ser compreendidas à luz das contribuições de Vygotsky (1991), para quem a aprendizagem se constitui por meio das interações sociais e da mediação. Desse modo, a atuação colaborativa entre professoras, bolsistas e crianças assume papel importante na construção do conhecimento, uma vez que as intervenções pedagógicas podem favorecer novas possibilidades de aprendizagem, respeitando os diferentes ritmos e necessidades dos estudantes. Essa compreensão reforça a importância de práticas pedagógicas que considerem as interações, a troca de experiências e a mediação como elementos

[1] Graduanda em Pedagogia pela Universidade Estadual do Maranhão (UEMA). E-mail: linsbarbara98@gmail.com.
[2] Professora orientadora do trabalho, vinculada à Universidade Estadual do Maranhão (UEMA). E-mail: nadjafonseca2@gmail.com.

ISSN: 2358-8829

fundamentais para o desenvolvimento e a aprendizagem das crianças.

Assim, as experiências vivenciadas no PIBID evidenciam que a construção de uma alfabetização inclusiva não se limita à diversificação de atividades, mas envolve o reconhecimento das singularidades dos estudantes e a criação de condições para sua efetiva participação no processo educativo. Em suma, o PIBID configura-se como um espaço de construção coletiva de conhecimentos e práticas pedagógicas, no qual a colaboração entre universidade e escola possibilita transformar desafios cotidianos em oportunidades de reflexão, intervenção e aprendizagem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse estudo teve por objetivo analisar o ensino colaborativo no processo de alfabetização e inclusão escolar no contexto do PIBID, do curso de Pedagogia - UEMA. Para responder a questão problema: Como o ensino colaborativo pode contribuir para o processo de alfabetização e inclusão escolar no contexto do PIBID -Pedagogia? Ao longo da pesquisa, verificou-se a necessidade de compreender a alfabetização na perspectiva histórico-cultural e crítica, que segundo Dangió e Martins (2018), se baseia na filosofia materialista histórico-dialética.

Essa abordagem é comprometida com a emancipação do ser humano e com a superação da sociedade capitalista. Portanto, "a alfabetização insere-se na objetividade do conhecimento humano a ser apropriado por todos os indivíduos para que disponham de instrumentos estruturais e discursivos da língua portuguesa" (Dangió & Martins, 2018, p.150).

Nesse sentido, compreende-se que a alfabetização na perspectiva da inclusão, propõe o ensino de leitura e escrita para todos os alunos na sala de aula regular, respeitando ritmos e singularidades através de metodologias ativas, materiais adaptados e colaboração entre professores regentes e especializados, utilizando múltiplas modalidades sensoriais e atividades lúdicas. Para Freire (1989), a leitura da palavra é

> sempre precedida da leitura do mundo. E aprender a ler, a escrever, alfabetizar-se é, antes de mais nada, aprender a ler o mundo, compreender o seu contexto, não numa manipulação mecânica de palavras, mas numa relação dinâmica que vincula linguagem e realidade (Freire, 1989, p.7).

[1] Graduanda em Pedagogia pela Universidade Estadual do Maranhão (UEMA). E-mail: linsbarbara98@gmail.com.
[2] Professora orientadora do trabalho, vinculada à Universidade Estadual do Maranhão (UEMA). E-mail: nadjafonseca2@gmail.com.

ISSN: 2358-8829

Dentre as possibilidades, na abordagem Histórico-Cultural, valoriza-se o contexto, a interação social e os aprendizados construídos. Para isso, o ensino colaborativo contribui para o planejamento conjunto e atuação do professor da sala comum em parceria com o professor especializado e bolsista PIBID, de modo a garantir a adaptação curricular necessária, por exemplo, com redução de textos, aumento de fontes, materiais visuais/concretos e uso de tecnologias assistivas para acessibilidade e por fim, a avaliação formativa voltada para o desenvolvimento individual, garantindo o direito à aprendizagem conforme a Lei Brasileira de Inclusão Lei nº 13.146.

Palavras-chave: Alfabetização, educação inclusiva, Pibid, práticas pedagógicas, desenho universal Para Aprendizagem (dua).

AGRADECIMENTOS : Agradeço, primeiramente, à professora orientadora Nadja Fonseca, pela dedicação, orientação e acompanhamento ao longo do desenvolvimento deste trabalho. À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e ao Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), pelo apoio e pela oportunidade de vivenciar experiências formativas que contribuíram significativamente para minha formação acadêmica e docente.

REFERÊNCIAS

BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. São Paulo: Edições 70, 2016.

BRASIL. Ministério dos Direitos Humanos e da Cidadania. Dez anos da Lei Brasileira de Inclusão (LBI): texto na íntegra. Brasília: MDHC, 2025. Disponível em: Acessar documento. Acesso em: 4 maio 2026.

CAST. Universal Design for Learning Guidelines version 3.0. Lynnfield, MA: CAST, 2024. Disponível em: CAST – UDL Guidelines. Acesso em: 4 maio. 2026.

DANGIÓ, M. C. S.; MARTINS, L. M. A alfabetização sob o enfoque histórico-crítico: contribuições didáticas. Campinas: Autores Associados, 2018.

EGLÉR MANTOAN, Maria Tereza. Inclusão Escolar: O que é? Por quê? Como fazer? .1. de. São Paulo: Moderna, 2003.

FACHIN, Odília. Fundamentos de metodologia. 4. ed. São Paulo: Saraiva, 2005

[1] Graduanda em Pedagogia pela Universidade Estadual do Maranhão (UEMA). E-mail: linsbarbara98@gmail.com.
[2] Professora orientadora do trabalho, vinculada à Universidade Estadual do Maranhão (UEMA). E-mail: nadjafonseca2@gmail.com.

FREIRE, P. A importância do ato de ler. São Paulo: Autores Associados, 1989.

FREITAS, Maria Nivalda de Carvalho. Organização escolar e socialização profissional de professores iniciantes. Cadernos de Pesquisa, São Paulo, n. 115, p. 155–172, mar. 2002.

GATTI, Bernardete A.; ANDRÉ, Marli E. D. A.; GIMENES, Nelson A. S.; FERRAGUT, Laurizete. Um estudo avaliativo do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (Pibid). Textos FCC, São Paulo, v. 41, p. 1–120, set. 2014

KLEIMAN, A. B. Preciso "ensinar" o letramento? Não basta ensinar a ler e a escrever? Campinas: Editora da UNICAMP, 2005.

MITTLER, Peter. Educação Inclusiva: Contextos Sociais. 1. ed. Porto Alegre: Artmed, 2003.

RABELO, L. C. C. Ensino colaborativo como estratégia de formação continuada de professores para favorecer a inclusão escolar. 2012. 200 f. Dissertação (Mestrado em Educação Especial) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2012.

SOARES, Magda. Letramento: um tema em três gêneros. Belo Horizonte: Autêntica, 1998.

VYGOTSKY, Lev Semenovich. A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

[1] Graduanda em Pedagogia pela Universidade Estadual do Maranhão (UEMA). E-mail: linsbarbara98@gmail.com.
[2] Professora orientadora do trabalho, vinculada à Universidade Estadual do Maranhão (UEMA). E-mail: nadjafonseca2@gmail.com.